RELIGIÃO DA HUMANIDADE

FUNDADA, SOB A ANGELICA INSPIRAÇAO DE *CLOTILDE DE VAUX*, POR *AUGUSTO COMTE*.

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Viver às claras. Viver para outrem. Ordem e Progresso.

—:—

PRIMEIRO CENTENARIO SUBJETIVO

DE

ELIZA MERCŒUR

1835 — 7 de Janeiro — 1935

"Quem deixa um nome póde morrer?"

"O olvido, é o nada; a gloria é a outra vida"

"A pedra do sepulcro é seu primeiro altar"

Eliza Mercœur.

Breve recordação de sua vida e suas producções

—:—

POR

NORTON D. BOITEUX

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.
—
1936

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

FUNDADA, SOB A ANGELICA INSPIRAÇÃO DE *CLOTILDE DE VAUX*, POR *AUGUSTO COMTE*.

O Amor por princípio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Viver ás claras. Viver para outrem. Ordem e Progresso.

—:—

PRIMEIRO CENTENARIO SUBJETIVO

DE

ELIZA MERCŒUR

1835 — 7 de Janeiro — 1935

Breve recordação de sua vida e suas produções

—:—

POR

NORTON D. BOITEUX

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.

1936

Este trabalho, salvo alguns acrecimos posteriores, foi lido
Humanidade em 15

os do autor impe-
o em que se co-
Eliza Mercœur.

Eliza Mercœur

Eliza Mercœur

I

Reprezentar o conjunto da preparação humana, instituir a glorificação concreta da Humanidade celebrando os seus melhores tipos, tal é o destino social e moral do Calendario Pozitivista construido por Augusto Comte.

Abrangendo, embora, com o olhar, todo esse admiravel quadro, consagrado sobretudo á imensa tranzição que devia conduzir o Ocidente da teocracia para a sociocracia, devemos fixar nossa atenção, hoje, especialmente no oitavo mês, prezidido pela figura incomparavel de Dante e destinado a rezumir a Epopeia Moderna.

Um anuncio, vago, mas profundo, da regeneração final, o pressentimento espontaneo de nossa ezistencia normal, embora sob o impulso dezapercebido que rezultou do conjunto da idade-média, eis o que carateriza essencialmente as compozições esteticas que com a "Divina Comedia", o "Orlando Furiozo", a "Jerusalem Libertada", a suave idealização plastica da Virgem-Mãe, o "Paraizo Perdido", o "D. Quixote', a "Imitação", concorrêrão para a construção dessa Epopeia.

Para podermos avaliar convenientemente o vulto da obra do maior dos poetas, ouçamos o Mestre:

"A incomparavel compozição que terminou realmente o estado teológico (A Divina Comedia), será afinal aprossimada da que funda o estado pozitivo (O Sistema de Politica Pozitiva), quando os cinco seculos que nos sepárão tiverem sido convenientemente apreciados. Porém, esta ligação intelectual deve ser hoje antecipada pela união moral dos dous anjos

(Beatriz e Clotilde), que prezidirão ás duas principais construções modernas". *(Volume Sagrado, pg. 177)*.

São ainda diretamente de Augusto Comte, o que ouviremos respetivamente sobre Ariosto, Tasso e Milton, que, com Rafael, prezidem as quatro semanas do mez de Dante.

"Desde a estreia da segunda faze (protestante), uma epopeia sem ezemplo ofereceu ao Ocidente uma admiravel combinação entre a vida privada e a vida publica, embora esta não prevalecesse aí. Ariosto foi tambem conduzido a fornecer indiretamente nela um primeiro esboço da poezia historica, referindo seus quadros á idade-media, cujo carater cavalheiresco aí transparece profundamente. Ele fês assim surgir a compozição, mais pura e menos eminente, onde Tasso empreende dignamente a idealização das cruzadas, sem apreciar a dificuldade de um tal dominio, que devia ficar prematuro enquanto não se pudesse conciliar aí o catolicismo e o islamismo. *(Sistema de Politica Pozitivo, III, pg. 569)*.

"Uma manifestação final, mais estética que nenhuma outra, porque o genio organico aí purificou-se de toda alteração critica, surgiu da inimitavel compozição de Milton. Izento da vida publica após o abortamento de uma crize prematura, e não podendo encontrar em torno de si dignos tipos da vida privada, o nobre republicano foi forçado a colocar uma idealização indeterminada sob o ultimo patrocinio da fé teologica. Embóra um tal esforço não comportasse rezultados decizivos, é ele que póde já fornecer a melhor medida do nosso poder poético, ao mesmo tempo que reprezenta nele o principal dezenvolvimento como rezervado necessariamente á regeneração final *(Sistema de Politica Pozitiva, III, pg. 571)*.

Pois bem. E' precizamente na semana de Milton; com Petrarca que, emancipado dos preconceitos teológicos ante-feminimos, á imagem de sua Laura sentia varrerem-se do seu coração todos os pensamentos máos; com Tomaz de Kempis, cujo altruismo já ezalara o "ame-te a ti mais do que a mim e não me ame a mim sinão por amor de ti"; com Madame de Staël de onde jorrou a fraze sublime "de real no mundo só eziste amar"; em companhia de Shelley e com este complementar de Byron; é aí, repetimos, que se encontra o nome de Eliza Mercœur.

Ha cem anos, em 7 de Janeiro de 1835, entregava Eliza o corpo á Terra e a alma á Humanidade.

II

No cemitério do Père Lachaise, em Paris, não longe do tumulo de Augusto Comte, em singéla sepultura já bastante da-

nificada pelo tempo, mas cuja louza, sempre crivada de modestos ramilhetes de flores, atesta a admiração popular de que é alvo o nome que aí se encontra, lê-se:

Tumulo de Eliza Mercœur

Na parte inferior a custo distingue-se o seguinte:

Aqui repouza a Mãi de Eliza Mercœur

nacida Adelaide Aumand

Reunida á sua filha querida

em 11 de Fevereiro de 1854

Seus amigos

De profundis.

Cerca de sessenta versos enchem as faces da sepultura.

Piedoza solicitude (1) permitiu que viessemos a ter conhecimento da maioria desses versos, antes que ficassem totalmente apagados.

Aprezentamos deles o esboço de tradução que se segue: (2).

"Tranquilamente aqui dorme izolada sombra
Humilde crús o indica, e vós — ái — proseguis!

.....

Quem não eziste mais, quando o chóra um amigo
Não póde precizar de um ostentozo abrigo;

---

(1) De Nicoláu B. Horta Barboza.
(2) Ver os originais desses versos no fim deste opusculo.

¿Mais doce — acazo — é o sono em sepultura rica?
Saudade, pranto, eis só o que ao morrer suplica;
Sua alma consolada assim, pairando ao léo
No coração que o amou encontra um mauzoléo.

.....

¿Mas — subito — que sons, neste lugar de pranto?...
Consagrando uma tumba, ouço saudozo canto.
O' tu que neste instante és recolhido á Terra
¿Dezejarias mesmo a paz que ela encerra?...
A'! tudo é frio já; teu coração ardente
Já não suspira mais, nem bate levemente.
¿Talvez, cortando a morte em ti a fantazia
Gelou na tua boca um rizo de alegria?
¿Esperavas, talvez, uma longa ventura?
¿A ventura estará onde o engano a procura?
Fugindo á Terra, e a sombra deixando mui sutil,
A alma é linda estrela unida a fachos mil.
Mas na noite do mundo, a sua luz turvando
E' esmaecido raio a escuridão riscando;
A noite escôa breve, e um despertar tranquilo
O homem goza emfim no derradeiro azilo".

Os versos que acabamos de lêr pertencem á poezia — O Cemiterio — escrita aos dezesete anos. Continuemos:

"Como um filho amado pouza-me na margem:
Meu coração parece um céo sem nuvens
Ele não tem um remorso".

Esses são estraídos da poezia — Incerteza — realizada com a mesma idade.

De sua ode — O Porvir — foi ainda gravada a seguinte estancia:

"Quando em sombra funerea estiver mergulhada,
Que se verta — ao lembrar-me — em minha tumba izolada
Prantos do coração.
Porém — ai! quem virá esse pranto espandir?
E chorozo e tristonho em minha cinza imprimir
A marca da aflição?"

Lê-se ainda, em seu tumulo, da elegia — O cair da tarde —, o seguinte trecho:

"Mas tornará o rio a humedecer as rozas
Qu'encontrarão de novo aonde se mirar;
E eu, em botão, perdendo as petalas mimozas
Me vae na negra Noite a Morte mergulhar.
Já fria estou, e quero — ái! — me prender á vida,
Reaquecer minh'alma e dar-te o meu amor
Como depois do adeus o tremulo viajor
Lança um olhar final á patria estremecida".

Do genio da autora e do merito desses versos dirá agora o Mestre em um trecho de carta a Ellis:

"E' necessario testemunhar-vos meu reconhecimento especial, pela vossa comunicação dos dois estratos do desgraçado Shelley, do qual já fiz o mesmo julgamento que vós, embora suas poezias me fossem inteiramente desconhecidas até agora. Esta precioza leitura me fez espontaneamente projetar de acordar a este infortunado genio uma comemoração secundaria quando reimprimir o *Calendario Pozitivista*. Embora Byron ai esteja já provido de um digno adjunto, póde ainda admitir aquele, por uma eceção motivada cuja mesma semana fornece um primeiro exemplo em favor de Bunyan, adotando uma reclamação britanica. O par ecepcional será espontaneamente harmonico visto a analogia de infelicidade, como de genio, que aproxima Shelley de nossa eminente Eliza Mercœur, morta aos vinte e seis anos, em 1835. Suas poezias não me são igualmente conhecidas sinão pelos estratos, que li dela publicamente gravados sobre sua tumba, sempre cercada ainda de admiradores dos dois sexos. Não tive necessidade, para ouzar inscrevê-la em nosso calendario, de nada ezaminar além dessa sessentena de versos, tanto são eles plenamente carateristicos. Julgareis deles pelo seguinte, escrito na idade de dezesete anos, que manifesta, na jovem filha do Gran-Ser, uma emancipação mais completa que a de Byron e mais nitida que a de Shelley:

"O olvido, é o nada; a gloria é a outra vida".

(Carta a Ellis de 6-4-1875).

Para completar a apreciação acima citaremos duas passagens contidas no primeiro tomo do *Sistema de Politica Pozitiva* (pgs. 298 e 342), em que Augusto Comte define o papel poético de Byron:

"Desde que este artificio (a idealização da antiguidade) esgotou-se por toda parte, a inteira consumação do movimento negativo não permitiu á arte sinão uma grande operação

passageira, a idealização da propria duvida. Essa estrema atribuição, que não comporta nenhuma cultura prolongada, foi sobretudo destinada, nos admiraveis cantos de Byron e Goethe, a estender ao meio protestante a plena emancipação emanada filozóficamente do centro ocidental." e

"Já Goethe, e sobretudo Byron, pressentirão a grandeza moral do homem desprendido de toda quiméra opressiva".

III

A breve noticia que vamos dar sobre a vida de Eliza Mercœur é toda ela estraida das "Obras Completas", em tres volumes, precedidas de "Memorias e Noticias sobre a Vida do Autor" publicadas por sua Mãi, e dos "Dados Historicos" colligidos pelo saudozo poéta pozitivista Mariano de Oliveira no segundo volume de sua obra póstuma "Culto á Mulher".

"Si se tratasse de um romance — diz a viuva Mercœur áqueles que a censurárão por ouzar escrever sobre sua filha — onde a verdade não devesse ser lançada sinão como um epizodio para ai semear variedade, terião tido razão, eu o sinto, de impedir-me de escrevê-lo; mas nas informações que venho dar sobre minha filha, a verdade se encontra despojada de toda ficção; é Eliza Mercœur em sua simplicidade, sem nenhum ornamento, é emfim o relato de sua viagem na vida onde só a acompanhei, que venho, através um diluvio de lagrimas, entregar á curiozidade do publico".

"...a todas as boas e virtuozas jovens dedico as Memorias que escrevi sobre a vida daquela que trabalhava sem descanço para mitigar minha mizeria e que a morte surpreendeu no meio de seus nobres e piedozos trabalhos".

"Naceu a Muza em 24 de Julho de 1809 e era filha de um advogado chamado Barré e de Adelaide Aumand, que vivião nessa época em Nantes".

Tinha apenas vinte e um mezes quando seu pae faleceu. A vida de sua Mãi, profunda catolica, absorveu-se toda, daí em deante, em sua educação.

Eliza revela-se de uma precocidade notavel.

Os pequenos fatos que vamos narrar dão-nos uma ideia bem nitida disso.

Com cerca de quatro anos, castigada por sua Mãi por um pequeno furto cometido, para uma amiga da caza, que por isso achava que sua Mãi era má, respondeu: "Cale-se, eu não gosto da senhora, está dizendo tolices á mamãi. Fizeste bem de me bater, minha mamãezinha, para impedir-me de roubar. Si mamãi não me corrigisse, eu tomaria tudo o que me agradasse; ela fes bem porque eu não roubarei nunca mais".

Aos cinco anos já tinha aprendido a ler e a escrever, e estava sempre com um livro na mão. A leitura tornou-se sua paixão dominante, sobretudo a da historia, dos contos e da tragedia.

Com a edade de seis anos pensou em fazer uma tragedia: Não compreendendo porque Zoraida pudéra viver após a morte de Abenhamet que a amava, imaginou escrever uma peça, finalmente realizada aos vinte anos, em que os dois morrerião juntos; pois como disse á sua Mãi: "sinto bem que eu, que te amo tanto, morreria, si lançassem tua cabeça a meus pés".

Lendo a tragedia do Rei Lear, nessa época, comentava: "Não sei verdadeiramente como o bom Deus não as impediu (as filhas) de fazer tanto mal a seu pai! Tu convirás, mamãi, que o bom Deus andou um pouquinho errado nisso...

— Como, minha filha?

"E' que ele, que *vê tudo*, que *póde tudo*, que conhece até os nossos *mais secretos pensamentos*, e tu sabes bem que isso é verdade, pois que está no Catecismo que me compraste, podia bem dizer ao rei Lear, pois que ele sabia que suas duas filhas mais velhas serião ingratas: Cuidado meu bom rei Lear, não abenções as tuas duas filhas mais velhas; são duas malvadas que não te amão, sómente tua filha mais moça gosta de ti e é bôa".

Em outra ocazião, ainda nessa edade: "Meu bom Deus, eu não irei antes de mamãi no vosso belo paraizo, porque me aborreço quando não a vejo..."

Como um atestado de sua precocidade vamos ainda transcrever uma cartinha que com menos de seis anos escreveu á sua Mãi:

"Tu fazes mais cazo, dizes, minha mamãizinha, do saber do coração que de tudo o que o estudo proporciona; é bem agradavel para mim que não sei sinão te amar. Mais tarde, espero saber te dizê-lo de uma maneira mais digna de ti. Aguardando-o, só posso pedir-te de teres sempre indulgencia pelas faltas que a ignorancia fas cometer á tua filhinha Eliza Mercœur".

Lutando sempre sua Mãi com dificuldades materiais, a preocupação incessante de Eliza foi desde a mais tenra edade até o ultimo suspiro, aussiliá-la com seus trabalhos. Os projétos que desde menina fes érão sempre com esse objetivo.

Ainda com a mesma idade (seis anos) redigiu uma carta aos comediantes do Teatro Francês, pedindo para reprezentarem a tragedia (que ainda ia escrever). Nessa carta lê-se o seguinte: "Tenho uma mamãe que eu amo de toda minh'alma

e que infelismente não é muito rica. Como não posso lhe dar dinheiro como lhe dou meu coração..."

Advertida por sua Mãi de que o seu preparo e a sua capacidade ainda não permitião um tal empreendimento, começou com a tenacidade que sempre lhe caraterizou, a trabalhar nesse sentido.

Era amigo de sua caza um senhor idozo de nome Danguy e que lhe ensinava o francês, o latim e a geografia, e a quem Eliza habituara-se a chamar de "meu marido".

Mostrando uma tendencia irreprimivel para a poezia, apezar de proibida pelo seu mestre, não se conteve um dia, e em uma das lições aprezentou-lhe os seguintes versos:

"Meu caro marido.

São tão máus que não póssão te agradar
Estes versos que a meu pezar se escápão de meu coração;
Estes versos que meu amor me dita para minha mãi;
Estes versos que eu dezejaria que fizessem sua felicidade".

Com onze anos compôs em duas horas uma historieta: "Herminia ou vantagens de uma bôa educação".

"Aos doze anos já ensinava inglês, idioma que lhe era inteiramente familiar; sabia latim, um pouco de grego, a lingua italiana e mesmo o arabe".

Eliza dava essas lições premida pela necessidade, e os seus conhecimentos da lingua de Milton ião a tal ponto que já havia traduzido inteiramente o "Paraizo Perdido".

Ajudada por um editor e dedicado amigo, Melinet Malassis, com "dezesseis anos publicava em Nantes o seu primeiro volume de versos, cujo sucesso foi completo".

E' para o seu editor que ela tem então as palavras: "Si a mizeria não atingisse sinão a mim, eu teria mais coragem; mas ver minha mãe sofrer com minhas penas, isto me mata".

Logo depois é nomeada membro correspondente da "Academia Provincial" de Lyon cujo prezidente perpetuo era Chateaubriand.

E' de uma sua ode "L'Avenir" publicada no jornal "Lycée armoricain" que forão estraidos alguns dos versos que embelézão sua tumba.

Logo que o seu volume de versos apareceu, ela enviou-o, acompanhado de uma carta, a Chateaubriand que respondeu imediatamente em termos os mais amaveis e animadores.

Suas produções arráncão de Lamartine a fraze: "Eu não acreditava no talento das mulheres... Mas desta vês entrego-me e prevejo que esta menina irá eclipsar a todos nós..."

Varios leitores de suas opras imaginárão que a jovem autora não era nada mais do que um homem que para dar encanto maior ás suas poezias e despertar maior interesse por elas se fazia passar como sendo do sexo feminino.

Um instante de dezafogo financeiro é, então, proporcionado á viuva Mercœur e sua filha. Cem francos enviados pela Rainha, trezentos francos anuais votados pelo Departamento de Belas Artes, e mais cento e cincoenta que o Ministro do Interíor tinha remetido, chegárão simultaneamente ao seu destino.

Pouco durou, porém, esse promissor estado de couzas. Tendo a duqueza de Berri ído a Nantes, durante um baile a ela oferecido e para o qual fôrão convidadas Mme. Mercœur e sua filha, alguem aproveitou-se de sua auzencia para despojá-las de quazi todo o dinheiro que possuião.

O desgosto produzido por um tal acontecimento, agravado pela violenta paixão que Eliza havia despertado no velho professor Danguy, quarenta e oito anos mais idozo do que sua aluna, determinárão "sua progenitora a abandonar com ela a cidade natal, fixando-se em Paris, onde infelismente fôrão conhecer todas as decepções, e viver de uma especie de mendicidade, que foi o aussílio generozo de algumas pessoas amigas".

E' aí que "imerecidas penas arrastárão a Muza a uma tentativa de suicidio de que só um felis acazo permitiu Mme. Mercœur salvá-la".

Chuva abundante tendo impedido sua nobre Mãi de tratar de alguns afazeres fóra, fazendo-a antecipar a volta á caza, onde deixara Eliza, foi surpreendida ao entrar com o dolorozo espetaculo de sua filha asfixiada pelo gás carbonico, prestes a espirar.

Salva dificilmente e logo arrependida de seu triste gesto Eliza renunciou para sempre á leitura de jornais que, segundo o testemunho de sua Mãi, muito havião concorrido para o seu ato de dezespero pela publicidade que dávão aos cazos de suicidio.

São de Mme. Mercœur estas comoventes palavras: "Pobre criança! Consegui, por meus cuidados, fazê-la viver quando ela queria morrer,... e não pude impedí-la de morrer quando dezejava viver!!!"

"Quando o efeito produzido pelo carbono — dis sua Mãi — dissipou-se inteiramente, Eliza retomou seus trabalhos; ela trabalhou tão ativamente que em seis mezes sua tragedia (Boabdil) foi terminada; levamos o seu ultimo ato ao Sr. Martignac no meiado de Julho (de 1829). Ele lhe disse que quando estivesse menos ocupado pediria uma leitura para ela

no comité do Teatro Francês, e que elevaria sua pensão a dois mil francos, afim de que, izenta de toda inquietação para o futuro, pudesse ela dar todo o dezenvolvimento a seu genio"...

Porém a saida desse ministro quinze dias depois anulou toda esperança de proteção

Não dezanimou, porém, a jovem poetiza: solicitou e, emfim, obteve do Teatro Francês uma leitura para sua tragedia.

E' então que culmina a desventura da pobre Muza.

Lida, em 3 de Maio de 1831, por ela propria, aceita pela unanimidade dos atores, foi inesplicavelmente recuzada pelo Barão de Taylor administrador da Comedia.

Tendo percebido a má fé dessa recuza ela lança-lhe um ultimo e tocante apelo: "O'! não sejais insensivel ao pedido de uma pobre moça que vos implora por sua Mãe; pensai que sou seu unico sustento"...

Ante uma estranha e dura negativa, Eliza não teve forças para rezistir.

O abalo moral produzido por esse acontecimento foi de tal ordem que a delicada e sensivel organização da jovem é fundamente golpeada.

Porém continúa a trabalhar muito. Seu — Luiz XI — só, sobre o qual ela fundava esperanças, trousse algum alivio á sua tristeza, mas sem curá-la".

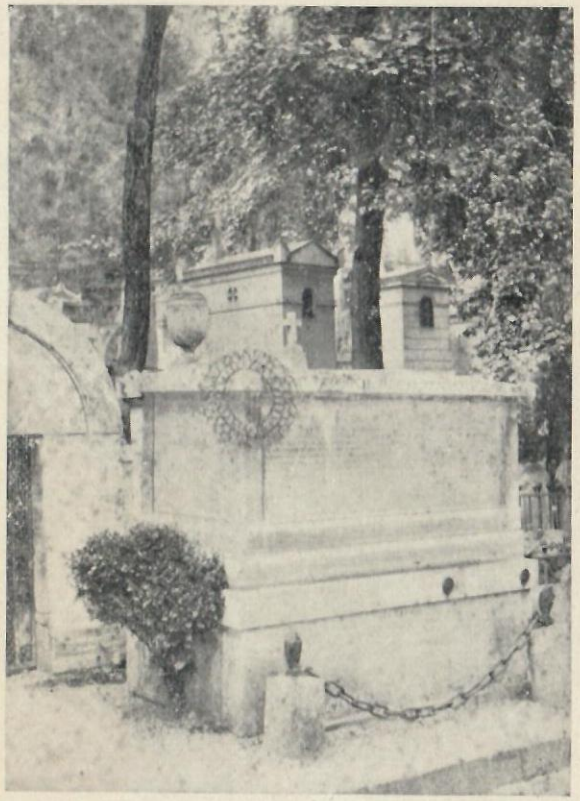
Em fins de 1834 cáe gravemente doente. Os medicos aconsêlhão-na a procurar os campos.

"Madame Recamier vem em seu aussilio, (1); o rei e a rainha duas vezes lhe envião socorros. Guizot dá-lhe quinhentos francos; mas Eliza conserva na alma a chaga romantica que não perdôa. Sua bela energia dos primeiros têmpos cedeu; ela vê vir a morte, sem que isto lhe tire o sorrizo que trás nos labios, e prepara-se para morrer. A alguem que procurou ainda anima-la acenando-lhe com a felicidade de poder ser finalmente coroada, fazendo-se reprezentar a sua tragedia na Porta de S. Martinho, ela respondeu: "O Tasso só foi coroado depois da morte; si eu tiver o mesmo destino e mamãi sobreviver-me, ela me levará a corôa".

"Desde então — diz Mme. Mercœur — Eliza não cessou de me falar de sua tragedia e do mau procedimento do Sr. Taylor a seu respeito. Um dia que ela me entretinha dela durante duas horas, sem que me fosse possivel, por mais esforços que fizesse, desviar um só instante sua atenção desse assunto ela me disse: Si Deus me chamar para si, minha po-

---

(1) Logo depois Vitor Hugo transfere sua pensão para Eliza.



Tumulo de Eliza Mercœur

chegado a ser mesma suas amigas, não pudérão passar pelo inferno sem conspurcar as suas azas. E ai!... que algumas delas amárão ternamente bastante, com verdadeira afeição e entuziasmo para merecerem tal destino!... Eliza tinha dotes fizicos consigo que talvês nenhuma daquelas tivesse maiores; não admiraria com taes encantos que ela fosse mesmo muito requestada. Isto devia lhe ter preparado, portanto, os maiores perigos; ela conhecera porém o sofrimento muito cedo; aprendera a rezignar-se quando as outras almas adormecem ainda, sem uma preocupação, ao calor do seio materno. Tudo isto, reunido á sua incomparavel ternura filial, que não lhe permitia desgostar um momento sua Mãi, foi, quem sabe, o que a salvou de todo desvio. Certamente ela deveria ter sentido tambem alguma afeição secreta, conforme deixa perceber em algumas de suas poezias de 1825 a 1827; mas nessa idade ela era ainda muito criança, e, si de fato amou então alguem, esse devia ter sucumbido muito cedo, ou se afastado, deixando apenas com ela uma saudoza recordação. Quando, penetrando na vida perigoza e cheia de seduções do meio pariziense, ela abriu passagem com seu genio, entre os diretores então em evidencia, do mundo intelectual, seus infortunios rodeávão-n'a de fato de uma aureola de simpatia, que ninguem ouzou pretender profanar. E talvez então, como Clotilde de Vaux, cuja lira suave ela devia mais tarde inspirar, e a cujo cortejo angelico foi para sempre incorporada pelo Fundador da Religião da Humanidade, ela sentisse tambem que nenhum sentimento de amor deveria ser cultivado em seu coração, si ele não fosse cercado do respeito das familias honestas. Não é isto o que se depreende destes belos versos de sua tragedia *Boabdil*, escrita aliás quando ela tinha apenas vinte anos?...

"Abenhamet

Tu me amas, Zoraida?...

Zoraida

E inda o não crês, acazo?...

Aben.

Não! nunca o duvidei! Prezas das mesmas chamas
A igual do que te amo eu sei que tu me amas.
Com tão violento amor que nos abraza e impele,
Deixemos tudo, pois... Vivamos só por ele.

Vamos além, bem longe, além! Lá foragidos!
Que importa o inferno ou o céu si estivermos unidos?
Toda a Terra é fecunda, e o Espaço é perfumado,
Onde quer que se ame e que se sinta amado.
No mais ingrato clima ha tambem felicidade...
— Da planície africana uma pequena herdade
Ou uma cabana humilde em meio do dezerto
Serão para o nosso amor um paraizo aberto
Zoraida, que o Porvir por nós de luz se apronte;
A' sombra do palmar vem repouzar tua fronte
Sobre o meu peito; e então que dias mais felizes"...
Cheios de amor igual?... Queres tu vir?...

Zoraida

Que dizes?...
E é a mim"... Minha desgraça então fás-se legitima?
De que desvairamento, Abenhamet, és vitima?...
Pudeste então supôr que no infortunio rude
Eu chegasse jámais a esquecer a virtude?...
Enganas-te!... Fiel ao meu dever de espoza
Serei uma infeliz... mas nunca uma criminoza".

Para confirmar ainda a apreciação acima vamos ler dois trechos de sua tão fortemente tragica novela — "A Condessa de Villequier":

"Sire, sou unida ao nobre conde meu espozo pelos laços do amor e da honra; mas não fosse ligada a ele sinão pelo dever, devesse minh'alma pender para vós, devesse vosso amor dar ao meu o poder e a corôa, eu recuzaria, sire; porque perderia na troca de vossos dons pela minha honra". e

"Para um sacrificio da honra não ha nem rei, nem subdito, nem ordem, nem obediencia".

Apreciemos agora com que doçura encantadora a Muza virginal concebe o surto da afeição conjugal:

"Fédor e Lenida se virão, e a piedade de uma, o reconhecimento do outro despertárão ao mesmo tempo nesses dois jovens corações um sentimento até então adormecido. Amárão-se pois, não com esse amor ezaltado, frenetico, verdadeiro flagelo que devasta a alma e não estabelece aí seu trono sinão sobre ruinas das afeições que o precedêrão; mas amárão-se deste amor ingenuo e placido, que se insinúa no coração e aí se instala sem ruido, que não anula nenhuma das faculdades do espirito, não lança nenhum véu sobre a lús da razão, e que, paixão todo balsamica, espargindo seus perfu-

mes sobre os sentimentos que a cércão, corrige a agrura de uns, aumenta a doçura dos outros".

Como bem assinála o Apostolo Teixeira Mendes, a vida subjetiva, puramente humana, é por ela apreciada decizivamente. Todos os pozitivistas conhecemos os seus dois sublimes pensamentos já citados, tão caracteristicos, e tão gratos aos nossos corações: "A pedra do sepulcro é o seu primeiro altar" e "O olvido, é o nada; a gloria é a outra vida".

Dois trechos de sua tragedia — Boabdil — nos retráção, porém, de uma maneira eminentemente poética o suave encanto e a consoladora eficacia da vida espiritual:

"Sabes, cara Inês, que ele me parece, nestes lugares, escapar-se de meu coração para surgir aos meus olhos? Esse prestigio embriagador de uma lembrança de fogo, torna-o tal qual ele é aos olhares de minha alma.

Sim, quantas vezes, doce engano! ouço-o, vejo-o Parece-me que o ar conservou sua vós; que ele vem, que o ruido dos seus passos ainda escuto, que ele está ai, que me fala e me dis que me adora. Sim!" e

"Parte, nada temas do tempo, do espaço, pois que te amo! Amar-te-ei! parte, cede á honra, ao dever. Parte, terei sempre a impressão de te ouvir, de te ver! Vae, eu posso suportar a prova da auzencia. O', sim, tua lembrança me trará tua prezença! A toda hora, em qualquer lugar eu te encontrarei. E' aqui, em meu coração, que te reverei".

Teremos agora uma ideia de quanto Eliza possuia a noção e o sentimento da Posteridade:

"Então, mendigarás o olvido para tua memoria. Mas, em vão, si ele conserva dos heroes a gloria, si ele repete suas virtudes, o inflexivel porvir guarda tambem dos tiranos a odioza lembrança: Não serás esquecido". (*Boabdil*).

Uma sua poezia — "O Oraculo" — nos dis bem do gráu de emancipação intelectual a que atingiu:

"Ouvi! não mais uma Sibila antiga
Sentando no tripé sagrado, estatica;
Nem o profeta cuja vós fanatica
Tom inspirado, ao maldizer, prodiga.
Não cremos mais nas divindades mortas;
Verdade! o dia é teu; abriu-te as portas...
Em anciedade nobre e santa o poéta
Pressente agora o teu valor futuro,
Sec'lo de alvorecer tão grande e puro,
Que, em meio, já revéla a noite e a méta".

Por essa mesma poezia vemos tambem até que ponto Eliza sentiu a grandeza do seculo sem par em que floreceu.

Eliza percebe tambem assás a condição de uma "escrupuloza apreciação da ezistencia pessoal e domestica como a melhor garantia da conduta social" quando dis:

"Tu, que sabes reunir a gloria e a virtude, recebe... um titulo que te é devido. Saudai vosso chefe, filhos de Abencerrage".

E' dela ainda este verso: "Reina-se mal, reinando-se pelo medo".

Muito se tem a estrair de suas setenta poezias, da tragedia — Boabdil, de "Herminia", da novela — A Condessa de Villequier, de "Marcelina", o "Duplo Eu", "Quatro Amores" e "Luiz XI", que taes fôrão as obras de Eliza Mercœur, algumas inacabadas

Aprezentamos, no entretanto, alguns seus pensamentos que se destácão na leitura de sua obra:

"O amor deve ser um sentimento-rei comandando a todos os outros, imprimindo-lhes com sua vontade de despota, o movimento ou a imobilidade".

"Em uma alma verdadeiramente piedozá uma doce tolerancia ocupa de direito um lugar ao lado da virtude, da qual ela é o complemento necessário".

"Silencio ao vãos pezares que pertúrbão o coração".

"Quanto se deve sofrer quando se é culpado!"

"Depressa se aprende o crime ensinado pelo odio".

"Quando a alma está vergada ao jugo das paixões, sêjão quais forem os bens ou males que se percão ou se arrostem, o coração obedece como escravo".

"Felís quem póde dar o coração por santuario".

"Ora, o amor sendo o que uma mulher toma pela felicidade, ela esperava um ser para amar".

"Quem deixa um nome póde morrer?"

V

"Não, tu não morrerás de todo, não. O nome de minha Eliza permanecerá puro entre os homens; eles o repetirão de uma idade para outra, e quando os nossos vindouros te cita-

rem para modelo á suas filhas, eles lhes dirão: Eliza Mercœur teve genio, imitai-a nisso si possivel, porém fazei todos vossos esforços para atingir ás suas nobres virtudes".

Fôrão essas as esperanças e os votos de Mme. Mercœur em relação á sua filha quando Eliza ainda vivia.

Em sua obra "Clotilde e Comte" o Apostolo Teixeira Mendes assim se refere á poetiza:

"Em 1843, apareceu a edição postuma das "Obras de Eliza Mercœur", publicada por sua Mãi. Não sabemos si Clotilde, que procurava familiarizar-se com as principais produções do seu sexo, conhecia esses escritos antes de uma tal publicação. Mas em todo cazo, é sómente então, parece-nos, que Ela deveu achar a plena justificação de seu entuziasmo a respeito da desgraçada Muza. Porque foi a comovente narração onde madame Mercœur retraça a doloroza carreira de sua filha, tão cedo arrebatada ás suas caricias, que revelou ao mundo a admiravel harmonia entre o eminente genio e o coração delicado de sua infortunada Eliza. E' talvês dessa época mesmo que dáta a predileção de Clotilde pela nobre Muza á qual imerecidas desgraça tinhão arrastado a uma tentativa de suicidio, de que sómente um feliz acazo permitiu que Madame Mercœur a salvasse".

Ouçamos o julgamento do Mestre: "No fim de vossa segunda carta tive a felicidade de achar uma confirmação deciziva da minha apreciação para com a digna e infelis Eliza Mercœur, morta aos vinte e seis anos, na mizeria com todos os sinais de um admiravel talento. Devo vos confessar que nunca li as suas poezias, que me são sómente conhecidas por uma quarentena de versos inscritos na sua tumba. Porém esse tocante *manuscrito* não me teria determinado provavelmente a juntá-la a Byron sem *a profunda admiração que a muza virginal tinha inspirado antes* á Mme. de Vaux, de quem sinto-me feliz de completar o sufragio por um juiz britanico". (Carta a Hutton, 6-7-185).

Encerremos esse julgamento com as palavras de nossa santissima Mãi Espiritual e a unica quadra que conservou sua memoria de suas poezias sobre Eliza Mercœur:

"Bem quizera, meu caro amigo, poder oferecer-vos algumas novas *canzone*, como tendes a bondade de chamar a minha flôr. Mas só tenho achado farrapos incorrétos e indignos de vós. Ha já longo tempo que fís o auto de fé de que vos falei, e creio que teria havido pouca escolha a fazer-se, a não ser sobre Eliza Mercœur a cujo respeito havia pensamentos bem bonitos. Só me lembro dos ultimos versos:

Ah! ter na juventude! ao coração trazê-lo
Esse fardo genial que é da desgraça o sêlo!
Porque tão tristes dons! São, deuzes, vossos crimes;
Mas 'stás; Mercœur, nos céos; e assim aos céos redimes".

VI

Tal foi, em rapido esboço, a natureza do concurso de Eliza Mercœur na construção da Epopeia Moderna.

Porém, não só esses titulos a apontão á gratidão da Posteridade.

Sabemos como dís Teixeira Mendes, que "Na primeira redação do Calendario Historico de Augusto Comte, Clotilde era celebrada no sabado da ultima semana do mês de Descartes. A angelica Inspiradora da Religião final vinha logo depois de Sofia Germain, e tinha por adjunta Eliza Mercœur. Porém a consideração de que a glorificação de Clotilde era inseparavel da influencia regeneradora que Ela ezercera sobre nosso Mestre o rezolveu posteriormente a não manter tal colocação".

Parece-nos, pois, que essa primeira aprossimação entre Clotilde e Eliza na mesma glorificação intelectual rezultou tambem das afinidades morais que esses dois anjos aprezêntão.

Com efeito, em varios pontos de sua vida e da sua obra, Eliza Mercœur como que anuncia o prossimo advento d'Aquela que, pela sublimidade de seu coração e de seu genio, estava destinada a ser a imagem eterna da Humanidade.

A emancipação intelectual aliada á grande elevação moral são de fato o apanagio dessas duas eminentes naturezas.

Quem não vê no belo pensamento de Eliza já enunciado: "Silencio aos vãos pezares que perturbão o coração" uma verdadeira preparação para a massima sublime de Clotilde: "E' indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem".

Sua fraze: "Quanto se deve sofrer quando se é culpado"! toma fórma definitiva no coração de Clotilde quando Ela deixa escapar a massima: "Os máus carécem a miudo de mais piedade que os bons".

Dís Eliza: "Quando a alma está vergada ao jugo das paixões, sejão quaes forem os bens ou males que se percão ou arrostem, o coração obedece como escravo".

Dís Clotilde: "Compreendi melhor do que ninguem a fraqueza de nossa natureza quando não é dirigida para um alvo elevado que seja inacessivel ás paixões".

Sem desconhecer a grande superioridade das massimas de Clotilde sobre os profundos pensamentos de Eliza é-nos grato no entanto, assinalar os pontos em que os dous grandes corações tanto comungárão.

E' pois, sob todos os aspétos deploravel, que a benevola, porém cega, Fatalidade tenha tão cedo arrebatado para a legião dos mortos imortais um vulto em quem o Gran Ser depozitava ainda as mais caras esperanças.

No entanto, a brevissima passagem pela vida da Muza virginal ela soube enchê-la de altruismo e de dévotamento.

Eliza tinha com certeza o pressentimento do seu fim prossimo quando esclamava: "Quero ensaiar apenas alguns passos do caminho".

Mas o julgamento do Mestre dá a resposta cabal á sua ingenua indagação, atribuida, aliás, por ela a Anibal: "Gloria, deus de minh'alma! assás fis eu por ti?"

VII

Terminaremos esta singela recordação da vida e da obra de Eliza Mercœur, aprezentando uma tradução da dedicatoria á Madame Recamier, de sua tragedia — Boabdil, a qual, adaptados ao ponto de vista social os ultimos versos, bem pode ser endereçada à Humanidade:

ORAÇÃO A' HUMANIDADE

(Parafraze)

A Vós, ó anjo bom da Terra vislumbrado,
A Vós, que tanta vês sustendo a minha dôr,
Após ter da mizeria o fardo aliviado
Sobre o meu coração de maguas ulcerado
Verteis da piedade o fluido curador.
O' Protetôra minha, a Vós esta efuzão!
Deixai que meigo laço ouzando assim formar
Ao Vosso amado Nome o meu queira ligar;
Almejo isto obter de Vossa proteção!
E oxalá possais determinar então,
Que o Vosso Ser que em Si rezume tudo quanto

Ha de graça e beleza, espirito e bondade,
Me inspire a vida inteira o Vosso sumo encanto
Um culto cada vês mais fervoroso e santo
E a vera gratidão que o ser todo m'invade.

NORTON D. BOITEUX.

Nacido em 6 *de Bichat* de 119

8-12-1907

e residente na rua Delgado Carvalho, 30.

——o——

ALGUMAS POEZIAS
E
ESTRÁTOS DE POEZIAS
DE
ELIZA MERCŒUR

LE CIMETIÈRE

ÉLÉGIE

(Extrait)

Tranquillement ici dort une ombre isolée.
Cette humble croix l'indique, et vous passez, hélas!

.....

Ah! celui qui n'est plus quand un ami le pleure
Ne peut avoir besoin d'une vaine demeure;
Dort'on plus doucement sous un marbre orgueilleux?
Un souvenir, des pleurs, voilà ses derniers voeux;
Et son ombre à la vie échappant consolée,
Dans le cœur qui l'aima trouve son mausolée.

.....

Mais, soudain, quels accens dans le séjour du deuil?..
Ce sont des chants d'adieu consacrant un cercueil.
Toi, que dans cet instant on vient rendre à la terre,
Peut-être enviais-tu la paix du cimetière?...
Ah! tout est froid déjà; ton cœur jadis brûlant
N'a pas même un soupir, un léger battement.
Peut-être aussi la mort, achevant ton délire,
Sur ta bouche entr'ouverte a glacé le sourire?
Peut-être espérais-tu de longs jours de bonheur?
Le bonheur est-il donc où le cherche l'erreur?
Quand l'âme fuit la terre, en rejetant son ombre,
C'est une étoile unie à des flambeaux sans nombre.
Mais dans la nuit du monde, en voilant sa clarté,
C'est un pâle rayon perçant l'obscurité;
La nuit bientôt s'ecoule, et d'un réveil tranquille
L'homme jouit enfin dans ce dernier asile.

(Janvier 1827).

INCERTITUDE

(*Extrait*)

Comme un enfant chéri pose-moi sur le bord:
Mon cœur ressemble au ciel lorsqu'il est sans nuage,
Il n'a pas un remord.

(Avril, 1827).

L'AVENIR

(*Extrait*)

Quand descendra sur moi l'ombre de la vallée,
Qu'on verse en me nommant, sur ma tombe isolée,
Quelques larmes du cœur.

Mais ces larmes, hélas! qui viendra les répandre?
Et, plantif, tristement imprimer sur ma cendre
Le pas de la douleur?

(Mai, 1826).

LE DECLIN DU JOUR

(*Extrait*)

Mais le ruisseau demain rafraîchira les roses,
Elles retrouveront son mobile miroir;
Et moi, comme les fleurs qui s'effeuillent écloses,
La Mort va me cacher sous les ailes du Soir.
J'ai froid, et je voudrais m'attacher à la vie;
De ce cœur, pour t'aimer, ranimer la chaleur.
Toi, après ses adieux, un tremblant voageur
Jette un dernier regard vers sa douce patrie.

(Mars, 1826).

AU LÉTHÉ

Lorsqu'en mon sein gonflé par un dernier soupir
Le flambeau de la vie aura perdu sa flamme,
Dans ton cours oublieux n'abîme point mon âme,
Léthé, que sur tes flots surnage un souvenir.

Qu'un reflet de la terre et m'entoure et me suive,
Qu'un vent, comme un adieu de ses passagers biens,
Conduise, en inclinant les roses de ta rive,
Ma nacelle sans rame aux champs Elysiens.

Fleuve toujours voilé d'un frais et doux ombrage,
Il n'est donc point d'hiver sur tes bords éternels?
Quoi! jamais agité? Quoi! pas un seul orage?
Et ce calme convient à l'esprit des mortels?

Ah! dans tes flots on perd les pensers de la vie;
Dans les champs du repos, du bonheur san désir,
De ses émotions l'âme n'est point suivie;
Là, c'est un long présent qui n'a point d'avenir.

L'âme fuyant la terre en rejette la chaîne;
Heureuse, elle se plaît dans l'immobilité;
Chaque siècle qui tombe et que ton onde entraîne
N'est qu'un éclair nouveau que voit l'éternité.

Là jamais ne s'echappe une heure fugitive
Que je sable jadis marquait à petit bruit;
L'homme ne penche plus une oreille craintive
Pour écouter le temps qui le frappe et s'enfuit.

Là, n'est jamais aux cieux le semblant d'un orage
C'est toujours sous leur voûte une aurore, un printemps,
Aux timides zéphirs effleurant ton rivage
Les fleurs livrent toujours leurs perfums enivrans.

Sans cesse de la lyre un son divin s'exhale,
Se prolongeant dans l'air qui doucement frémit.
La flûte du pasteur jette sa note égale,
Et l'éternel écho mollement la redit.

Ah! coule en vain pour moi, fleuve calme et funeste;
Laisse-moi sur tes bords un aspect d'ici-bas,
Et l'amour et la gloire; et que, parfum céleste,
Ils embaument tes flots, mais ne s'y plongent pas.

Mon regard fatigué d'une trop douce image,
Sous un ciel orageux aime un soleil voilé;
Il aime, dans la nuit, quand un obscur nuage
S'épaissit un moment sous le dôme étoilé.

Le cœur prête souvent un charme à la souffrance:
Le printemps est plus doux après un long hiver ..
Mais ne voir aujourd'hui que ce qu'on vit hier?
Mais n'avoir plus besoin d'écouter l'espérance?...

Lorsqu'en mon sein gonflé par un dernier soupir
Le flambeau de la vie aura perdu sa flamme,
Dans ton cours oublieux n'abîme point mon âme,
Léthé, que sur tes flots surnage un souvenir.

(Mai, 1827).

LA GLOIRE E L'INDIGENCE

(*Extrait*)

Du mortel indigent coupable de génie,
C'est, hélas! au tombeau que le crime s'expie;
La pierre du cercueil est son premier autel.
Il existe, on l'insulte; il expire, on le pleure;
Il commence de vivre à cette dernière heure...
Sous la main du trépas il devient immortel.

(Mai, 1827)

LA GLOIRE

(*Extrait*)

Homère!... il apparut presque au matin du monde:
L'univers s'enferma dans son âme profonde.
En livrant son esquif aux tempêtes du sort,
Du culte poétique, hélas! prêtre et victime,
Lui seul se comprenait dans sa douleur sublime,
Et pour vivre attendait la mort.

Mendiant, fugitif, sous les cieux d'Ionie
Tu prodiguas l'outrage à son malheur sacré.
L'infortune ici-bas est la sœur du génie:
Sa main de plomb s'étend sur son front inspiré.
Mais elle pèse en vain sur sa tête indigente:
Il chante, souffre, meurt, et son ombre géante
Reçoit de l'avenir des siècles pour instants.
Le passé dans son gouffre abîme en vain les âges:
Sur un mer de gloire, aux ondes sans rivages,
Homère est là, debout, en monarque du temps.

.....

Galilée arrachait son vieux sceptre à la terre;
Son front pâle et sexagénaire
Echappe au fer des lois, au glaive inquisiteur.
L'infortuné, qu'atteint un arrêt despotique,
S'accuse en frémissant de démence et d'erreur;
Et rendant le vulgaire à sa nuit fanatique,
Echappe au fer des lois, au glaive inquisiteur.

Oui! partout où la gloire a placé son idole,
Où la voix du passé redit quelque grand nom,
Soit sous les murs sacrés du divin Capitole,
Dans l'enceinte du Parthénon,
Dans les temples chrétiens, au culte solitaire,
Partout les fers, l'exil, l'outrage et la misère...
Mais l'heure vient: des maux du sort
Celui qu'on insultait, vengé par sa mémoire,
En esclave affranchi se revêt de sa gloire
Dans la liberté de la mort!

(Août, 1828).

L'ORACLE

Fragment

Ecoutez! ce n'est pas une Sybille antique,
Hors d'elle, s'asseyant sur le trépied sacré;
Ce n'est pas un prophète à la voix fanatique,
Prodiguant pour maudire un accent inspiré;
Non! nous ne croyons plus aux divinités mortes;
Sublime Vérité, c'est ton jour, tu l'emportes!...
C'est au cœur du poète un noble et saint espoir,
C'est un pressentiment de ta grandeur future,
Siècle dont la jeunesse est si grande et si pure,
Qui révèle au midi ton declin et ton soir.

(1829).

MÉDITATION

Telle qu'une médaille à l'empreinte effacée,
Quand les contacts du monde ont usé la pensée,
Quand la vie inutile a perdu sa fraicheur,
Lorsque les faux plaisirs ont énervé le cœur,

Fatigué du fardeau de sa lourde existence,
Lorsque l'homme a ravi son charme à l'espérance,
Son âme parcourant les dédales du sort
Trouve, pour en sortir, le dégout et la mort!

On te l'a dit pourtant, incrédule jeunesse,
Rien ne vaut ici-bas la stoïque sagesse!
Réponds? contre l'orgueil, contre la volupté,
Confiante en ta force, as-tu jamais lutté?
Non! tu fais en cédant l'aveu de ta faiblesse;
Et, laissant du combat les soins à ta vieillesse,
Aveugle à la clarté de tout divin flambeau,
Tu vois!... lorsque ton pied vint heurter le tombeau.

Alors, s'il était temps, si tu pouvais encore
Ranimer dans ton sein le feu qui s'évapore!
Des fleuves descendus si, remontant le cours,
Tels qu'ils sont au matin tu retrouvais les jours;
Si, rendant leur éclat aux fleurs déjas fanées,
Tu jouissais deux fois de tes jeunes années,
Dis, libre de choisir ta route et ton destin,
Deux fois passerais-tu par le même chemin?

(1828)

A MADAME RECAMIER

A vous, ange visible aux regards de la terre,
A vous, qui, tant de fois accueillant ma douleur,
Avez, en soulageant le poids de ma misére,
Versé de la pitié le baume salutaire
Sur les blessures de mon cœur.
A vous, ma protectrice, à vous, cet humble hommage!
Permettez qu'avec vous formant ce doux lien,
A votre nom chéri j'ose joindre le mien.
De vos bontés puissé-je obtenir un tel gage!
Et puissiez-vous vous dire, en lisant cet ouvrage,
Que vous, qui possédez au suprême degré
Les graces, la beauté, l'esprit, la bienfaisance,
Tous vos charmes unis n'ont jamais inspiré
Un culte plus cher, plus sacré,
Un sentiment plus vrai que ma reconnaissance!

(1829).